

Bom dia! Segue clipping diário que engloba notícias de jornais, revistas, rádio, TV e web.

Jornais e Revistas

Agora – 08/06

POLÍCIA MILITAR ESTIMOU PÚBLICO NA AVENIDA PAULISTA EM 20 MIL PESSOAS

Parada Gay tem público menor

A 19ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo teve queda no número de participantes, ontem. A festa, considerada uma das maiores do mundo, reuniu neste ano cerca de 20 mil pessoas, segundo estimativa da Polícia Militar, realizada às 14h. A organização parou de divulgar número de público desde 2012, quando chegou a afirmar que a parada tinha reunido 3 milhões de pessoas, divergindo da Polícia Militar. **AB**



■ Trios elétricos atravessaram a avenida Paulista que, no entanto, não ficou tão cheia quanto nos anos anteriores; público protestou contra o governador Alckmin e o prefeito Fernando Haddad

Parada Gay acaba mais cedo e tem queda de público, diz PM

Festa reuniu 20 mil, às 14h, na avenida Paulista, segundo a polícia. Organização não divulga número

A 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo acabou mais cedo e teve queda no número de participantes, segundo a Polícia Militar, a única a divulgar dados oficiais de público ontem.

Considerada uma das maiores paradas gays do mundo, a festa reuniu, neste ano, 20 mil pessoas, segundo contagem da PM referente às 14h, um dos momentos de maior concentração de público. No ano passado, 100 mil participaram do evento, de acordo com a PM.

A organização da parada disse ontem que desde 2013 não divulga estimativa de público justamente devido às dúvidas sobre a real quantidade de pessoas na festa. Em

2012, a organização informou que o evento reuniu 3 milhões de participantes.

A dispersão na avenida Paulista começou às 16h30 – 50 minutos depois, a via já estava liberada até a rua Haddock Lobo. Em 2014, a liberação foi às 18h30.

“Acaba com o glamour terminar cedo desse jeito”, diz Alya, 30 anos, cabeleireira de Osasco (Grande SP).

Os 18 trios elétricos embalarão o público com música pop, eletrônica, funk e axé. A festa seguirá até as 21h com shows na República.

Fernando Quaresma, presidente da associação que organiza a parada, negou que tenha havido correria. “O horário para liberar as vias era 18h. Na segunda, as pessoas trabalham, precisa limpar a avenida.” A PM não divulgou números atualizados até a conclusão desta edição. (Ana Flávia Oliveira, Lara Vendramini e FSP)



■ Público ergue bandeira do arco-íris durante a Parada Gay de São Paulo, ontem, na avenida Paulista (região central); festa acabou mais cedo e Polícia Militar usou bombas de gás para dispersar participantes

Motoristas enfrentam túneis sujos, escuros e inseguros

O que o Vigilante encontrou

Como deve ser

- Iluminados
- Com placas de limite de velocidade
- Equipados para emergências
- Seguros para pedestres
- Sem infiltrações
- Limpos

A reportagem visitou 21 túneis. Veja os locais com mais problemas

CENTRO



Tom Jobim

- Av. Prestes Mala
- Tem vazamento nas paredes
 - Não tem extintores
 - Iluminação boa
 - Sem placas que indicam a altura máxima para os veículos
 - Sem placas de limite de velocidade

Ligação Leste-Oeste

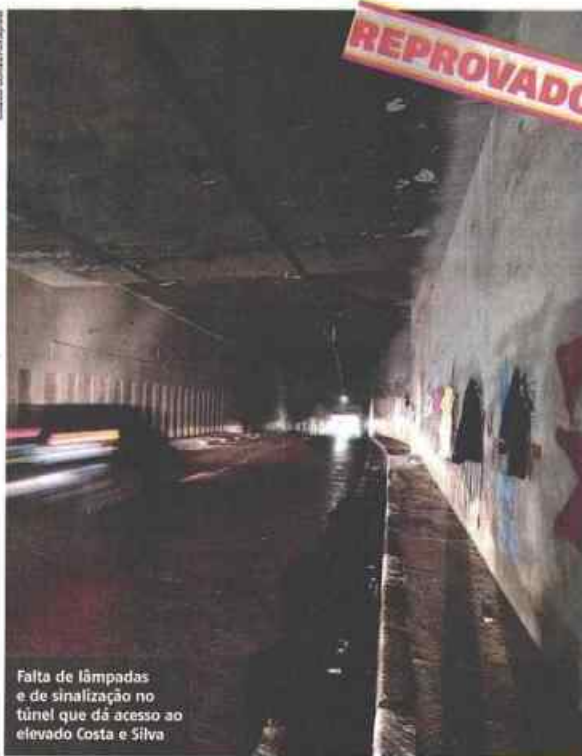
- Rua Martinho Prado, sob a praça Roosevelt
- Iluminação com defeito, com várias lâmpadas piscando
 - Sem placas de limite de velocidade
 - Há cabanas com moradores de rua
 - Tinha uma máquina de lavar na calçada e sacos de lixo espalhados
 - Não tem extintor, mas havia hidrante

Noite Ilustrada

- Av. Dr. Arnaldo/av. Paulista
- Lixo acumulado
 - Sem placa indicando velocidade
 - Sem placa de altura permitida
 - Sem extintor

Túnel José Roberto Fanganiello Melhem

- Av. Paulista, sob a Consolação e ligando Rebouças e Dr. Arnaldo
- Sem iluminação
 - Lixo, colchões, cabanas, tábuas
 - Moradores de rua
 - Sem placas indicando velocidade



ZONA SUL

Ayrton Senna

- Av. 23 de Maio
- Sem placas indicando velocidade
 - Sem placas sobre altura máxima permitida

Maria Maluf

- Av. Pres. Tancredo Neves/Afonso D'Éscragnolle Taunay
- Infiltração nas paredes
 - Sem extintor
 - Sem placas indicando velocidade

Complexo viário Escola de Engenharia Mackenzie

Rua das Juntas Provisórias/av. Pres. Tancredo Neves/Estrada as Lágrimas

- Tem acúmulo de sujeira e infiltrações
- Não há placas de sinalização de altura e velocidade máximas, nem com o nome do túnel

- Sem placas indicando velocidade
- Sem placas sobre altura máxima permitida

ZONA OESTE



Túnel Dr. Euryclides de Jesus Zerbini

- Av. Waldemar Ferreira
- Sem placas indicando velocidade
 - Sem placas sobre altura máxima permitida
 - Vazamento nas paredes causa poça em uma das pistas

Tribunal de Justiça

- Av. Pres. Juscelino Kubitschek
- Acúmulo de lixo na entrada
 - Sem placas de limite de velocidade
 - Infiltração no teto causa forte goteira em uma das faixas

Presidente Jânio Quadros

- Av. Juscelino Kubitschek
- Parte da grade de proteção para pedestres está quebrada
 - Iluminação está fraca

ZONA LESTE



Águia de Haia

- Av. Águia de Haia
- Sem extintor
 - Não tem espaço para pedestres

Túnel sob a Radial Leste*, perto da Arena Corinthians

- Iluminação deficiente, praticamente no escuro

Jornalista Odon Pereira

- Radial Leste
- Luzes sem funcionar
 - Sem extintor
 - Sem sinalização de limite de velocidade

*Nome sem nome

Lâmpadas queimadas, infiltração e falta de sinalização são alguns problemas achados em túneis da capital



Os túneis de São Paulo estão mal-conservados. O Vigilante Agora percorreu 21 túneis da capital e apenas dois deles, Sebastião Camargo e Max Feffer, ambos na zona oeste, não apresentam problemas. Entre as falhas encontradas estão a falta de sinalização, pontos sem equipamentos de segurança (hidrantes e extintores), iluminação ruim, infiltrações nas paredes e queda de água pelo teto.

Um dos pontos emblemáticos da falta de manutenção é o túnel próximo à Arena Corinthians, em Itaquera, na zona leste. A via, que ainda não tem nome e faz a ligação da região do estádio com a Radial Leste, foi inaugurada há cerca de um ano, mas já apresenta iluminação ruim. No trecho, os carros são obrigados a acender o farol porque o local está praticamente às escuras.

Um dos pontos mais castigados é o túnel na ligação Leste-Oeste, sob a praça Roosevelt (região central), que dá acesso ao elevado Costa e Silva. Não há placa que indique a velocidade máxima permitida. A iluminação está com defeito —lâmpadas piscando. Foram vistos moradores de rua, cabanas para abrigo de mendigos e até uma máquina de lavar velha em um dos passelos. Também há sacos de lixo espalhados pelo interior do túnel.

"Nunca tive problema aqui, mas, se tiver que parar por problema no veículo ou congestionamento, ficaria com medo, principalmente se for à noite", disse o engenheiro Ricardo Lima, 40 anos, que passa diariamente pelo túnel da ligação Leste-Oeste.

O taxista Ademir Guedes da Silva, 65 anos, que conhece grande parte dos túneis de São Paulo, também reclama da conservação das vias subterrâneas. "Estão quase todos assim, com problemas. Não conheço um que esteja bom. Falta iluminação, não tem manutenção. A prefeitura deveria pensar menos em ciclovias e mais nos túneis", afirma o taxista. (Cadu Proietti)

RESPOSTA

Prefeitura diz que faz vistoria, limpeza e serviços de conservação

A prefeitura alegou que os túneis são limpos mensalmente. Segundo a administração municipal, todos os locais citados pela reportagem receberiam limpeza neste último final de semana.

A Secretaria de Coordenação das Subprefeituras informou que está providenciando a reposição

dos extintores. Segundo a pasta, alguns locais estão sem os equipamentos por conta de furtos e vandalismo.

A prefeitura informou ainda que a vistoria na iluminação dos túneis é realizada na última segunda-feira de cada mês, mas o grande proble-

ma é o vandalismo e o excesso de cargas dos caminhões que danificam as lâmpadas. De acordo com a prefeitura, os reparos deverão ocorrer no início do segundo semestre.

A CET promete manutenção e implantação da sinalização necessária. (CP)

MOTORISTAS AFIRMAM QUE NÃO É REALIZADA MANUTENÇÃO NAS VIAS

Túneis da capital estão danificados e sem luz

Entre os 21 túneis percorridos, apenas dois não apresentavam problemas. As falhas encontradas são falta de sinalização e de equipamentos de segurança, iluminação ruim e infiltrações nas paredes. A prefeitura diz que realiza vistorias mensais na iluminação, mas que há muito vandalismo. **A3**



■ Túnel do complexo viário em frente ao Fielzão, em Itaquera, na zona leste, está sem lâmpadas em um dos lados e com as luzes apagadas no outro sentido; trecho foi inaugurado há um ano

Diário de S. Paulo – 08/06

O lixo é um vício

É preciso cuidar melhor da aparência da nossa cidade de São Paulo. A comovente situação dos moradores de rua e os serviços malfeitos ou improvisados deixam a cidade mais feia. Investir na pedagogia do lixo e educar ambientalmente a população também deveria ser obrigação das concessionárias de limpeza urbana. Nossas autoridades precisam pensar sobre isso. Nisso, também deveria consistir "A arte de limpar São Paulo". Por exemplo, na praça General Craveiro Lopes, na Bela Vista, em frente à Câmara dos Vereadores - tem um antigo ponto "viciado" de lixo.

...Devanir Amâncio, São Paulo



Rodrigo é morador do bairro há 37 anos: "Amo a Brasilândia"

Morador do bairro criou projeto para limpar pontos viciados de descarte de lixo e mudar imagem negativa da região. Mas ele quer levar também centros culturais e mais segurança ao lugar que ama

Caio Colagrande
caio.colagrande@danosp.com.br

Falta de áreas de lazer, violência, infraestrutura precária. Sobram argumentos para quem pretende um dia sair da Brasilândia, na Zona Norte de São Paulo, e morar em outro lugar. Mas, para alguns, ocorre exatamente o contrário: o amor ao bairro fala mais alto.

É o caso de Rodrigo Olegário, morador da Brasilândia desde que nasceu, há 37 anos. O que poderia ser motivo para o paulistano sonhar com uma vida longe dali se transformou em incentivo para melhorar a qualidade de vida no local: há três anos ele começou a buscar parceiros para colocar em prática o projeto Bairro Limpo.

A ideia é mapear pontos onde há muito descarte de lixo na região e, com a comunidade, recolher os resíduos. Um segundo passo é conscientizar os moradores a se desfazer da sujeira corretamente e promover alguma ação no local — como grafiteagem ou plantação de mudas para chamar a atenção.

"Isso é para colocar na mente dos moradores de que só depende de nós valorizar o nosso bairro. Se não cuidarmos dele, quem vai cuidar?", questiona Rodrigo. Ele já conseguiu colocar em prática a ideia em três pontos de descarte irregular.

Além de deixar as ruas mais limpas, ele pretende ajudar a

transformar o local em um cartão de visitas. "Há gente na comunidade com vergonha de trazer a namorada ou parentes para cá por causa da sujeira."

LIÇÃO APRENDIDA / Para a estudante Lediane Silva dos Santos, de 19 anos, a importância do projeto é ainda maior. Ela estudava na escola municipal Milton Campos, onde o Bairro Limpo fez seu trabalho. "Era cheio de lixo na entrada, não dava nem para passar em frente", diz. Na terça-feira passada ela estava na secretaria da escola acertando sua volta. "Agora está bem melhor."

Quem também tem motivos para comemorar é a merendeira Selma Guimarães, 35. Ela passa a maior parte do tempo na casa da mãe, bem em frente à escola. "Aqui tinha de tudo, de sofá a rato. Ainda tem lixo ali às vezes, mas diminuiu bem."

MULTIPLICADOR / O projeto já chamou a atenção da Subpre-

feitura de Pirituba e de da Prefeitura de Osasco, que mostraram interesse em copiar a ideia. Mas Rodrigo ainda quer mais. "Vou debater a qualidade das escolas e queria trazer opções culturais para cá."

Todo esse trabalho começa sempre às 15h, quando ele sai da lanchonete onde ajuda a namorada. A partir daí, se dedica ao bairro, participando de reuniões que só terminam tarde da noite. "Eu amo a Brasilândia", declara, sorridente.

Onde fica



Brasilândia
Zona Norte de São Paulo



Selma comemora diminuição de lixo jogado em frente à casa de sua mãe

CONSCIENTIZAÇÃO

"O projeto melhorou a situação da rua. Só não foi 100% porque depende da população"

Selma Guimarães, merendeira



Antes do Bairro Limpo, ficava difícil entrar na escola...



Depois da ação, muro foi pintado e o lixo sumiu dali

FAXINA PAULISTANA

3 lugares já foram alvos do Bairro Limpo.

103 toneladas de lixo retiradas nas três ações até agora

10 pontos da Brasilândia no cronograma do projeto



A BUSCA PELOS OSSOS SEM NOME

UMA INVESTIGAÇÃO INÉDITA
DESCOBRE EVIDÊNCIAS DE
QUE HÁ CORPOS DE VÍTIMAS
DA DITADURA MILITAR NO
CEMITÉRIO DE PERUS. UM TIME
DE PERITOS LUTA POR UMA
NOVA ESCAVAÇÃO NA MAIS
INFAME DAS VALAS DO REGIME

Leandro Loyola

O cemitério de Perus se estende pela descida de um morro, entre uma estrada sinuosamente estreita e uma fazenda de eucaliptos, no extremo noroeste da cidade de São Paulo. É um local isolado, em meio a sítios e à mata do Parque Anhanguera, no bairro que dá nome ao cemitério. Lá não existem jazigos de mármore – nem mesmo túmulos de cimento. Os milhares de sepulturas são apenas montes de terra, como barrigas a sair do chão, alinhadas simetricamente ao horizonte. Ali a morte é sugerida, nunca anunciada. Os vestígios dela aparecem nos poucos montes de terra adornados com pequenas placas de cimento. São feitas e vendidas ali mesmo, com nome, datas e, em alguns casos, foto da pessoa morta. Muitas sepulturas nada têm. Resta apenas o mato. E o silêncio.

Entre o final de setembro e a primeira quinzena de outubro do ano passado, o arqueólogo Rafael Abreu e dois colegas trabalharam em Perus, numa área fora desse perímetro de sepulturas. O trio examinou a área com um radar de penetração de ▶

CENAS BRASILEIRAS

solo, um aparelho semelhante a um cortador de grama, com uma tela na haste, capaz de detectar alterações no terreno. Metodicamente, durante três dias eles cobriram cerca de 2.500 metros quadrados, empurrando o aparelho por 68 linhas com cerca de 50 centímetros de largura.

Naquele local onde ninguém pisa, a tela mostrou "anomalias" relevantes em duas áreas, a cerca de 50 centímetros de profundidade – confirmadas dias depois por exames em laboratório. Em um relatório de 25 páginas, encaminhado no início deste ano à Secretaria Nacional de Direitos Humanos, a equipe representada por Rafael recomenda uma escavação arqueológica de um mês no local. Na década de 1970, o cemitério de Perus foi usado como esconderijo para corpos de presos políticos torturados e assassinados em São Paulo pela ditadura militar. Em 1990, num dos maiores achados sobre as brutalidades da ditadura, descobriu-se lá uma vala clandestina, que escondia 1.049 sacos plásticos pretos com ossadas de indigentes – entre eles, de desaparecidos políticos. Agora, há fortes suspeitas de que as anomalias detectadas pelo radar em Perus sejam sinais da existência de uma segunda vala clandestina, ou de uma parte não escavada da fenda original. Esses buracos podem ocultar ainda ossadas de até 39 pessoas que se opuseram à ditadura e figuram há 40 anos na lista de mortos e desaparecidos políticos do regime.

A vala original tinha 23 metros de comprimento, demarcados hoje por um retângulo estreito feito de tijolos, e cortada por um monumento vermelho curvo, erigido em homenagem aos desaparecidos políticos enterrados em Perus. A pesquisa de campo feita no ano passado aponta duas novas áreas suspeitas. Uma delas tem a forma de um retângulo, com 6 metros de largura por 11 metros de comprimento e 1,75 metro de profundidade. Pode ser uma segunda vala, ainda intocada. A outra área é formada por seis pontos próximos à vala original, o que levanta a hipótese de ela ser maior do que se sabia até agora. "A pesquisa que fizemos é muito importante porque tem a possibilidade de que a vala não tenha sido escavada totalmente", diz o antropólogo forense José Pablo Baraybar, coordenador do Grupo de Trabalho Perus. "A vala que foi escavada (em 1990) tem uma área muito pequena. Nós temos de voltar lá e verificar."

O peruano José Pablo é diretor da Equipe Peruana de Antropologia Forense, uma referência internacional no trabalho de investigar crimes do passado a partir de restos mortais. Em mais de 20 anos de missões pelo mundo, já escavou terrenos em busca de mortos pela violência da ditadura da Argentina, por outros tipos de abu-



PASSADO INÓCIDO

A retirada das ossadas em 1990 (ao lado), o monumento erigido em homenagem aos desaparecidos na vala clandestina (acima) e o cemitério. Ali perto há sinais de que uma nova vala, intocada há 40 anos, pode guardar mais corpos

so em quase todos os países da América Latina, em genocídios motivados por guerras, como no Kosovo, ou por causa de fatores étnicos e tribais, em locais como Ruanda. Uma dessas missões recentes deu-se na Somalilândia, um pequeno enclave que se declara independente da Somália, país sem governo no nordeste da África. Advogados americanos bancaram escavações em busca de provas para condenar à cadeia perpetradores de um genocídio étnico na região.

Com o apoio de uma rede que envolve o Ministério Público Federal, a Secretaria Nacional de Direitos Humanos e a Universidade Federal de São Paulo, José Pablo, seus colegas peruanos e, no início, uma equipe argentina formaram a primeira equipe brasileira de arqueólogos e antropólogos forenses. Estruturaram o método de trabalho do que se chama agora Grupo de Trabalho Perus. Ao contrário de países vizinhos, como Peru, Argentina e Uruguai, e apesar de ter um histórico de violência, o Brasil nunca teve gente capaz de investigações assim. Perus só poderia ser o primeiro lugar da lista: é o mais importante esconderijo de corpos da ditadura já descoberto. Entre as 1.049



ossadas tiradas de lá, foram identificados restos mortais de três desaparecidos políticos – Frederico Mayr, Flávio Molina e Dênis Casemiro. Mas resta uma dúvida: os registros do cemitério indicam que 1.500 ossadas desapareceram. Como da vala aberta saíram 1.049 sacos, com uma ossada cada, existe a suspeita de que outras 450 ainda estejam escondidas sob o solo de Perus.

O Ministério Público Federal espera apenas uma oportunidade para, depois de 25 anos, escavar o terreno de Perus como se deve. “A Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos não vai dar por encerrado o trabalho de análise do caso Perus sem ter a certeza de que não existem mais ossadas lá”, afirma a procuradora Eugênia Gonzaga, presidente da comissão.

Será uma etapa fundamental da recente – e atrasada – busca pela reconstituição dos abusos cometidos pela ditadura militar no Brasil. Assim como optou por não punir os responsáveis por abusos aos direitos humanos no período, o Estado brasileiro pouco fez desde a redemocratização para encontrar as 136 pessoas desaparecidas ou mortas cujos corpos nunca foram achados. Como na Argentina, com as Mães da Praça de Maio, a busca por desaparecidos políticos como os de Perus só existe no Brasil porque a mobilização das famílias atingidas compensou o imobilismo do Estado. É uma história que começou ainda na década de 1970, sob a ameaça da ditadura – e só tem um pequeno êxito –, graças à coragem de alguns.

CAIXÕES DE MADEIRA

Assim que foi libertada da prisão, em setembro de 1972, Fanny Akseirud passou a frequentar o deserto e longínquo cemitério de Perus. Sempre acompanhada de uma das filhas, toda semana Fanny tomava o trem do ramal Santos-Jundiaí na estação da Luz até Perus e, depois, caminhava cerca de 2 quilômetros por uma estrada de terra para visitar a sepultura do marido, Joaquim Alencar Seixas, o primeiro enterrado lá, em março de 1971. Operário por profissão e militante do Movimento Revolucionário Tiradentes, o MRT, por escolha, Joaquim morreu após sessões de tortura no DOI-Codi, na Rua Tutóia, em São Paulo. Fanny, as duas filhas e um filho foram presos com Joaquim. Fanny e as filhas foram torturadas e amargaram mais de um ano de cadeia. A caminhada semanal de Fanny ao cemitério era, em essência, um ato de bravura. Em carros descaracterizados, agentes da repressão xingavam e ameaçavam Fanny pelo caminho. Enquanto ela chorava à beira do túmulo do marido, um agente se aproximava e apontava: “Esta cova aqui do lado nós reservamos para o seu filhinho. Ele vai ficar ao lado do papai”. Preso e torturado com o pai. ▶

9 de junho de 2013 | **ÉPOCA** | 95

o adolescente Ivan puxava o que seriam sete anos de cadeia. Com o tempo, os coveiros começaram a se aproximar de Fanny e aconselhar: "Tira daqui, que vão sumir com ele". Assim que venceu o prazo mínimo de três anos, Fanny levou os restos mortais de Joaquim para o Rio de Janeiro.

Antonio Pires Eustáquio chegou a Perus em 1976, quando Fanny não ia mais lá. Depois de vender sua parte na sociedade em um jornal de bairro na Zona Sul e fazer estágios em cinco grandes cemitérios, o mineiro foi nomeado administrador do inóspito Perus e agraciado com o privilégio de morar em uma ampla sala dentro do cemitério – moradia gratuita no lugar mais calmo e silencioso que havia. Perus era o maior depósito de indigentes, mortos que não possuem nada, cujos corpos não são reclamados pelas famílias ou simplesmente não são identificados. "Cuide dos indigentes, olhe por eles. Eles não têm ninguém, só você", disse a Antonio o diretor do departamento, Hélio Alcoba, na frente de seu braço direito, Nelson Moreira. "Aquilo ficou na minha cabeça", diz Antonio. Toda vez que um carro do Instituto Médico-Legal chegava, Antonio verificava tudo. Os corpos vinham em caixões de madeira, com a tampa solta; muitos tinham perfurações de balas. Com frequência a descrição não batia com o laudo do IML – alguns vinham até sem registro. Antonio já tinha notado que, normalmente, os carros do IML chegavam cheios, com até 12 corpos de uma vez. Em algumas ocasiões, era bem diferente. O carro trazia apenas um corpo, escoltado de longe pela polícia.

Antonio aproveitava as noites para verificar os livros de registro do cemitério. Deparou com um mistério: faltavam dados das exumações dos indigentes. Após três anos e 30 dias, os restos mortais são exumados – as famílias podem levá-los para outro lugar ou transferi-los para um ossário. Outra alternativa é "inumar no mesmo local", ou seja, enterrar na mesma sepultura, mais fundo, para abrir espaço a um novo cadáver em cima. "Normalmente, ao lado do nome e da sepultura, tinha no livro uma coluna anotada a data da exumação e, do lado, o local no ossário ou escrito "inumado no mesmo local", diz. "Mas, em vários, tinha apenas a data da exumação e nada para onde tinha ido." Os corpos haviam sumido – como os coveiros, anos antes, avisaram a Fanny que aconteceria.

Os coveiros que falavam com Fanny não confiavam em Antonio. Quando ele perguntava sobre os indigentes, ouvia silêncio. O auxiliar do antigo administrador desconversava. Contudo, a turma do cemitério gostava de relaxar do trabalho em pescarias na Represa de Mairiporã – sempre com um copinho ao lado. "O Pedro, o operador da retroescavadeira, gostava de umas canjebrinas", diz

SEGREDOS NO CEMITÉRIO DA DITADURA

Uma nova investigação mostra que pode haver mais uma vala clandestina e ossadas de presos políticos a escavar em Perus

254.000 enterros anuais



O PASSADO
Uma vala clandestina foi aberta para ocultar ossadas de indigentes e de militantes políticos assassinados



O FUTURO
Estudos de arqueólogos indicam mais buracos no cemitério, como mostram as manchas em vermelho no mapa acima

AINDA OCULTOS PELA DITADURA

A história dos mortos de Perus começou há mais de 40 anos e não tem data para acabar

1971

O cemitério de Perus é aberto. O primeiro sepultado lá é Joaquim Alencar. Seixos, militante do MDT torturado e assassinado.

Além de Perus, há buscas por ossadas de mortos pela ditadura em valas coletivas

- SÃO PAULO/SP
- Cemitério de Vila Formosa
- RIO DE JANEIRO/RJ
- Cemitério de Riacho Alto/Quaresma
- RIO DE JANEIRO/RJ
- Cemitério de Iguatema
- PETROPÓLIS/RJ
- Cemitério municipal
- ITAPUÁ/RJ
- Cemitério municipal
- RECIFE/PE
- Cemitério de Virápolis

1976

Por ordem do Serviço Funerário municipal é aberta uma vala clandestina em Perus. Mais de 1.000 ossadas, que já haviam sido exumadas e estavam em uma sala, são enterradas lá

Aberta em 1976, o cemitério de Perus, na Zona Norte de São Paulo, foi usado como depósito de corpos de indigentes. Tem 254.000 metros quadrados



OS PROCURADOS
Entre uma lista de 35 desaparecidos, quatro com certeza foram enterrados em Perus. Os outros 31 são procurados também em outros lugares

MAIOR PROBABILIDADE
MENOR PROBABILIDADE
BUSCAS POR SOLICITAÇÃO DE FAMILIARES

- Gonçalo Jesus da Silva
- Francisco José de Oliveira
- Diniz Cavemim
- Humberto Torgler
- José Milton Barbosa
- Luís Hirao
- Agílio Clemente Filho
- Alvaro Rufino Pedreira Fereira
- Artur Assis de Moura
- Oswaldo José de Carvalho
- Edgar Aquino Duarte
- Luís Almeida Anjos
- Paulo Stuart Wright
- Ana Rosa Ruzinski Silva
- David Capistrano da Costa
- Eduardo Collier Filho
- Elson Costa
- Fernando de Santa Cruz Oliveira
- Helvécio Ferreira Toledo Quirino
- Hilari de Lima Pereira
- Horácio Maurício Guimarães
- João Santos Galvão
- José Dias de Oliveira
- João Silveira Melo
- José Montenegro de Lima
- José Romão
- Luís Ignácio Maranhão Filho
- Orlando da Silva Rosa Barreto Junior
- Paulo Oscar Ernesto Massa
- Paulo de Tarso Zanetti Silva
- Walter de Souza Ribeiro
- Wilson Silva
- José José Wilson
- Jaime Anonim de Miranda
- Jorge Luiz Gonçalves Pereira
- Theodor Antonio de Silva Mendes Neto
- José Pacifico Aguiar
- Marlene Raquel Paganini
- Olímpio de Carvalho



PERUS

150 m

1980

Antonio Pinhe Eustáquio, administrador do cemitério, descobre a existência e o local da vala

1990

A vala é aberta e 1049 ossos com ossadas são retirados. O material é levado para a Unicamp e, nos anos seguintes, é analisado pela equipe do legista Fortunato Bastian Peñares



Os restos mortais de três desaparecidos são identificados: **Dênis Casemiro, Frederico Mayr, Flávio Carvalho Molina**

2001

Abandonadas há anos, as ossadas são transferidas para o Cemitério do Anacleto, em São Paulo. Peritos da USP começam a examinar o material



2014

As ossadas são transferidas para a casa-laboratório da Universidade Federal Paulista. Até agora, cerca de 300 ossadas já foram examinadas

Antonio. Um dia, os dois ficaram sorrimos em um canto. "Ai eu pensei: 'É agora.'" Antonio perguntou e, com as ideias amolecidas, Pedro abriu. "Ah, rapaz, isso é terrorista, não pode falar...," disse. Contou que, tempos antes, Nelson Moreira, do serviço funerário, havia ido ao cemitério, examinado o terreno e escolhido um local. "Eles fizeram eu abrir uma vala lá atrás do cruzeiro, rente ao barranco, e jogar tudo lá." O "tudo" eram corpos de indigentes enterrados na quadra 1 da gleba 1 do cemitério, que haviam sido exumados – os tais que Antonio não encontrava o destino registrado nos livros. Eram cerca de 1.500. Antonio procurou – e não havia registro da vala nos livros do cemitério. Era clandestina, ilegal. Quando foi aberta, em 1976, a vala não tinha razão de existir. Havia espaço no cemitério.

A partir da Lei da Anistia, em 1979, Antonio começou a notar a presença frequente de familiares com perfil diferente no cemitério onde prevaleciam famílias pobres da região. Eram parentes dos desaparecidos, uma figura cuja existência ficava mais fácil de tratar à medida que a ditadura caminhava para o fim. "A coisa começou a esquentar", dir Antunio. Em 1980, quando havia contratado dois vigias noturnos de sua confiança, ele se sentiu seguro para investigar. Certa noite, pegou uma sonda de ferro de 3 metros de comprimento e foi para trás do cruzeiro. Seguindo as indicações dadas por Pedro na pescaria, começou a espetar o solo. Onde o ferro não penetrava, era sinal de terra nunca mexida. Até que, numa das tentativas, a sonda entrou inteira facilmente, um sinal inequívoco de terra revolvida, de buraco aberto e coberto. Antonio se lembrou da descrição de Pedro. "Eu fui furando, testando até achar o limite, o barranco dela", diz. "Eu vi que tinha achado a vala", diz Antonio. Em outra noite, Antonio pegou uma trena, voltou e mediu a vala. E guardou o segredo.

A CÂMARA DE OSSOS

As ossadas só foram desenterradas da vala clandestina de Perus dez anos depois. Os familiares dos desaparecidos passaram a se mexer mais após a abertura política, e Antonio se tornou um aliado bem posicionado para repassar informações. Em 1988, a então petista Luiza Erundina foi eleita prefeita de São Paulo. Ela bancou a abertura da vala, a retirada das ossadas e o transporte para um laboratório de medicina legal na Universidade de Campinas. O material foi levado em dois caminhões e seguido por um comboio que incluía até o carro da prefeita. Os responsáveis receberam ameaças por telefone. "Vocês não chegam a Campinas. Vão explodir no caminho", diziam. Uma CPI foi aberta na Câmara Municipal. Antonio foi a principal testemunha para desvendar a história. ▶



da década de 1970, que permitiram reconstituir a ocupação do cemitério. Em algumas é possível divisar dez misteriosas covas abertas em uma área isolada. Até um drone foi usado para fotografar a área hoje.

A ditadura militar possuía mecanismos para ocultar a causa das mortes e os cadáveres. A maioria dos mortos que chegavam ao IML era direcionada a legistas comprometidos e saía de lá com laudos adulterados, com nomes falsos, para cemitérios onde se sepultavam indigentes. Cientes desse mecanismo, Rafael e a historiadora Márcia Hattori começaram em 2013 uma pesquisa por documentos em arquivos públicos. Compilaram

TRATAMENTO
Técnicos manipulam partes das ossadas retiradas de Perus em 1990. Após mais de 20 anos de abandono, as 1.048 ossadas são examinadas em laboratório por uma equipe criada com especialistas internacionais

dados de 1971 a 1980 de 20 livros do cemitério de Perus, com cerca de 600 páginas cada um, e cerca de 5 mil documentos entre registros do IML. Descobriram que, enquanto outros legistas assinaram até 400 laudos enviados para Perus naquela década, os legistas Harry Shihata e Isaac Abramovitch, notórios soldados da ditadura no IML, assinaram apenas 15 e oito laudos, respectivamente. "Isso reforça a suspeita de que esses corpos eram de presos políticos", afirma Márcia.

Os dois encontraram uma preciosidade: uma caixa com fotos dos desaparecidos, dadas pelas famílias há décadas para uma das primeiras tentativas de identificar os desaparecidos. Resgataram os arquivos com contatos das famílias – alguns números de telefone ainda tinham seis dígitos – e falaram com 39. Devido à falta de documentos, como fotos, a conversa com os familiares pode render informações como a existência de uma fratura, capaz de ajudar na identificação dos ossos. Alguns familiares desistiram do assunto; outros contam longas histórias, com detalhes que podem ajudar na identificação. Alguns se emocionam. Ao gravar a entrevista de um familiar, um técnico da equipe chorou sem parar. "Antropologia forense não é só uma questão de ossos na mesa, não é um CSI", afirma José Pablo, em referência ao seriado *Crime scene investigation*, em que uma equipe de legistas usa inteligência e alta tecnologia para desvendar crimes. "Se não tem uma pesquisa preliminar, você não tem nada. Tem de saber a quem você está procurando, quantas pessoas, em que contexto elas sumiram."

Em 2015, o obstáculo para uma nova escavação em Perus não é a vigilância de ditadores, desconhecimento ou falta de tecnologia – é dinheiro. A casa-laboratório precisa de uma reforma, calculada em R\$ 500 mil, para comportar mais uma carga de ossos que podem ser retirados do cemitério, além das ossadas que já estão armazenadas lá. É uma ninharia. Um processo de licitação para escolher quem fará o trabalho está correndo. Depois que a empresa for acertada e assinar o contrato, a obra deverá demorar até cinco meses.

A pesquisa sobre as ossadas de Perus pode resultar, ao menos, numa satisfação do Estado às famílias. É um direito delas, consagrado pelas leis e tratados internacionais, dos quais o Brasil é signatário. Os rituais fúnebres atendem a instintos primitivos de todos os humanos. Na Colômbia, uma mãe foi buscar a ossada de seu filho, desaparecido em um conflito, identificada após uma pesquisa. Ao ver os ossos, ela pegou uma falange e passou-a pelo corpo, de olhos fechados, como se estivesse recebendo um gostoso carinho. Muitas mães de Perus morreram sem isso. ◆

MERCADO ABERTO

MARIA CRISTINA FRIAS cristina.frias@oi.com.br

Indústria de iluminação reclama de edital de PPP

A falta de uma cláusula de preferência na PPP (parceria público-privada) da iluminação pública da cidade de São Paulo pode fazer com que as empresas vencedoras do contrato deixem de priorizar produtos nacionais.

O edital da PPP, que foi lançado pela Prefeitura de São Paulo no mês passado, não trouxe nenhuma salvaguar-

da às empresas locais, segundo a Abilux, que representa a indústria da iluminação.

"Esse tipo de preferência já foi adotado em contratos semelhantes em diversos países. Seria uma forma de impulsionar a produção local, seja por empresas já instaladas no país ou por outras que demonstraram interesse em se instalar", diz Marco Martins

Poli, diretor da entidade. "Fizemos essa sugestão ainda antes do lançamento do edital, durante as consultas públicas", afirma.

A exceção do LED, todos os demais componentes já são fabricados hoje no Brasil, de acordo com o executivo.

Em nota, o secretário de Serviços de São Paulo, Simão Pedro, disse que cláusulas de

preferência não foram definidas para que não houvesse nenhuma restrição à competitividade da licitação.

A PPP prevê investimentos de aproximadamente R\$ 2 bilhões em um contrato com duração de 20 anos. Serão trocadas 620 mil lâmpadas de vapor de sódio ou de mercúrio por unidades mais modernas, de tecnologia LED.

RAIO-X

Setor de iluminação tem 600 empresas no país

Participação por segmento no faturamento do setor, em %



Número de empregados

37 mil

Faturamento (R\$ bi)



*estimativa Fonte: Abilux

Folha de S. Paulo – 05/06



Marlene Bergamo/Folhapress

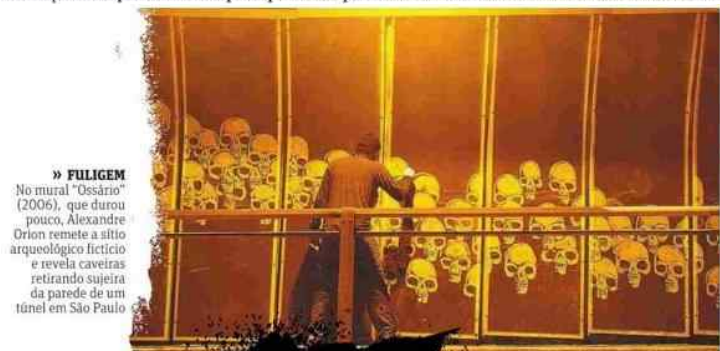
ESPECIAL ambiente

Crise energética faz emissão de carbono aumentar no país **Pág. 2**

+
Bitucas de cigarro viram papel, adubo e até combustível **Pág. 5**

F Calcule se você é sustentável folha.com/no1637675

Instalação criada para o caderno especial pelo artista paulistano Alexandre Orion em lixo da zona oeste de São Paulo



» FULIGEM
No mural "Ossário" (2006), que durou pouco, Alexandre Orion remete a sítio arqueológico fictício e revela caveiras retirando sujeira da parede de um túnel em São Paulo

O HOMEM DA CAPA

MARA GAMA
COLUNISTA DA FOLHA

Apagando com panos a sujeira de um túnel subterrâneo, ele criou o mural "Ossário", de 300 metros, com 3.500 crânios desenhados, há quase dez anos. Durou pouco, mas fez história. Estava inventado o grafite reverso. Com a fuligem que extraiu da lavagem dos panos, fez pigmento para pinturas que espalhou por paredes e ruas.

Alexandre Orion, 37, fotógrafo, designer e artista, inclui poluição, fotografia, paisagens e habitantes urbanos em suas obras. O pensamento sobre a cidade não se resume aos materiais.

"Tudo que faço tem discurso, ideia, discussão sobre interdependência, comunidade. Não faço nada fechado, só conceitual. É tudo para tocar o outro. Sou mais comunicador que artista", diz.

Orion acaba de encerrar uma mostra na galeria Luis Maluf, em São Paulo, em que exibiu rostos em painéis pin-

ofício de OSSOS

O paulistano Orion, que assina a instalação da capa deste caderno, usa poluição, sujeira e outros dejetos espalhados pela metrópole como matéria prima do seu trabalho

tados com spray aparentando carvão, remetendo ao gesto do grafite.

Nascido em São Paulo, Orion desenha e pinta desde criança. Aos 13, influenciado pelo skate e pelo hip hop, fez o primeiro trabalho de parede. Depois vieram tatuagem, ilustração e direção de arte. Em 2002, trocou o trabalho "mais comercial" por projetos independentes. Formou-se em artes visuais, em 2004.

O mercado recebeu bem sua primeira série, "Metabió-

tica", de 2002. As 20 imagens foram geradas a partir de pinturas nos muros que propunham interação com os passantes. O resultado foi registrado em fotografias. A série foi exposta na Pinacoteca, viajou pelo mundo e virou livro. "Os passantes tornaram-se personagens, acrescentando coisas", diz.

Em 2006, veio a intervenção urbana "Ossário", nas paredes do túnel Max Feffer, que liga as avenidas Europa e Cidade Jardim. Durante 12

noites, Orion ficava no corredor para pedestres tirando a fuligem para formar as caveiras, que remetiam a um sítio arqueológico urbano fictício. Também aludiam ao fato de a cidade ser construída para carros e não para pessoas.

CRIME AMBIENTAL

Na 13ª madrugada, três caminhões da prefeitura apagaram o mural, sem limpar nada do resto do túnel.

"Ossário" foi construída sobre a ideia de crime. O cri-

me ambiental que é a poluição, o descaso do poder público com os túneis e a pergunta do grafite reverso: o crime está na tinta, como diz a lei, ou na mensagem?"

Em 2014, para a Virada Cultural, Orion criou o mural "Apreensão", em um CEU (Centro Educacional Unificado) no Grajaú. Numa empresa de 15 metros de concreto, o artista desenhou uma menina gigante — a referência fotográfica é a filha caçula dele — que brinca com casas do bairro na zona sul como se fossem pedrinhas de um jogo.

"Eu queria uma imagem delicada. Ao mesmo tempo, o assunto das desapropriações ali é sério. A primeira impressão é agradável, mas o mural é uma janela surreal, um King Kong destruindo a cidade", diz. "Não quero que seja só bonito. Quero que as pessoas vejam coisas ali."



NA INTERNET

Veja os bastidores da 'família lixo' da capa folha.com/no1637667

Crise energética faz empresas emitirem mais **carbono** no país

ANDREA VIALLI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A transição para a chamada economia de baixo carbono depende de inovação tecnológica e investimentos do setor privado. Aos governos, caberá fomentar políticas públicas que deem escala a essas soluções, além da retirada dos subsídios aos combustíveis fósseis, estimados em mais de US\$ 5,3 trilhões em 2015, segundo o FMI (Fundo Monetário Internacional).

Essas foram algumas das sugestões de grandes empresas que participaram do Business & Climate Summit 2015, encontro promovido pela Unesco em maio, em Paris, como uma prévia para a COP-21, a conferência do clima da ONU que ocorre em dezembro e reunirá 196 países.

"As empresas estão cientes de que têm o papel relevante nas negociações internacionais sobre clima. Hoje, a agenda corporativa está focada na precificação do carbono e nas oportunidades de negócio que virão desse movimento", afirma Mariana Niccolletti, coordenadora do programa Empresas pelo Clima do GVCes (Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas).

Na prática, isso significa que cedo ou tarde as ativida-

Setor privado vai propor na reunião sobre clima, em Paris, fim dos subsídios aos combustíveis fósseis, políticas para estimular energias limpas e mecanismos para tributar a poluição

des econômicas que emitem muito carbono ou que são dependentes de combustíveis fósseis como o carvão pagarão mais impostos e serão sobretaxadas. Isso já ocorre em países como Suécia, Japão, México, no Estado americano da Califórnia e em algumas províncias chinesas.

Muitas empresas enxergam riscos palpáveis aos negócios em decorrência das alterações climáticas.

A Beraca, fabricante de insumos para a indústria de cosméticos com base na biodiversidade brasileira, já se

prepara para mudanças no fornecimento de matérias-primas. "Neste ano, a safra de vários produtos extrativistas ficou ameaçada porque o período chuvoso foi maior que de costume", diz Thiago Terada, gerente de responsabilidade social da empresa.

No Brasil, um grupo de 128 empresas vem monitorando sua pegada de carbono com a publicação de inventários de emissão de gases de efeito estufa na metodologia GHG Protocol, a mais usada.

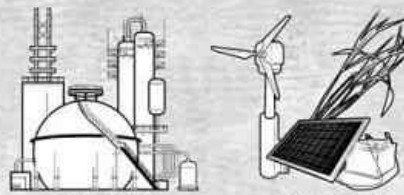
Dessas, 36 fazem parte da plataforma Empresas pelo Clima, que tem o objetivo de engajar as empresas em outras ações de fomento à economia de baixo carbono.

Mas o envolvimento das empresas não tem sido suficiente para reduzir as emissões. Uma das razões é que, nos últimos anos, o Brasil tem acionado mais termelétricas a carvão para o suprimento de energia. Isso eleva a emissão de gases de efeito estufa e impacta diretamente a pegada de carbono das companhias, sobretudo no chamado "escopo 2" (emissões provenientes da energia elétrica adquirida pelas empresas).

Entre as 128 corporações que monitoram suas emissões, houve aumento de 81% nas emissões de escopo 2 entre 2012 e 2013.

DOIS CAMINHOS

Entenda as principais diferenças entre a economia tradicional e a economia verde



CONVENCIONAL

Combustíveis fósseis: petróleo, carvão mineral, gás natural e xisto, dentre outros.



Fontes de energia

São finitos e devem ser utilizados de forma racional.



Recursos naturais

É linear: extrai matérias-primas, produz e gera resíduos.



Produção

Não coloca valor sobre os serviços, como os de produção de água, por exemplo.



Serviços ambientais

BAIXO CARBONO

Energias renováveis: etanol, biocombustíveis, energia solar, eólica, hidrelétrica e biomassa.

Estão disponíveis e são infinitos; o preço é regulado pela lei da oferta e da procura.

É circular: a produção e o consumo são feitos para minimizar resíduos, que são reaproveitados.

Coloca valor sobre os serviços e remunera quem os provê.

CORRENTES DA ECONOMIA VERDE

Ambiental neoclássica

Não questiona o "dogma" do crescimento econômico medido pelo PIB.

Principal expoente

David Pearce

Estado estacionário

Os países ricos devem crescer menos para que os países pobres se desenvolvam até atingir a prosperidade.

Principal expoente

Herman Daly

Economia ecológica

Não se opõe ao uso dos recursos naturais, mas recria seu uso irresponsável.

Principal expoente

Nicholas Georgescu-Roegen

Decrescimento

Propõe que os países parem de crescer e que a qualidade de vida seja independente do nível de consumo da população.

Principal expoente

Serge Latouche

Fonte: Proxima e economizata

'Maquiagem verde' cresce em produtos brasileiros

Estudo aponta falsos apelos ambientais

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Amigo do meio ambiente, biodegradável, sustentável. Oito em cada dez produtos "verdes" encontrados no varejo apresentam declarações vagas, sem informações concretas sobre o benefício ambiental anunciado. É o que mostra a pesquisa Greenwashing no Brasil: Um Estudo sobre os Apelos Ambientais nos Rótulos dos Produtos, realizada pelo Instituto de Pesquisas Market Analysis.

O "greenwashing", expressão que significa "maquiagem verde", ocorre quando o marketing exalta os atributos ambientais de um item, sem que isso ocorra de fato.

A pesquisa, em sua segunda edição, analisa produtos que trazem certificações ou apelos de sustentabilidade nas embalagens e mostra que o apelo verde tem crescido no Brasil. Entre 2010 e 2014, a quantidade de produtos "amigos do meio ambiente" cresceu 478%, saltando de 408 mercadorias para 2.358.

"O problema é que apenas 15% dos selos estampados nos produtos possuem alguma certificação ou endosso de terceira parte confirmando os benefícios ambientais. A grande maioria é autodeclaratória, criada pelas próprias empresas com objetivos de marketing", diz Fabián Echeagaray, coordenador do estudo. (ANDREA VIALLI)

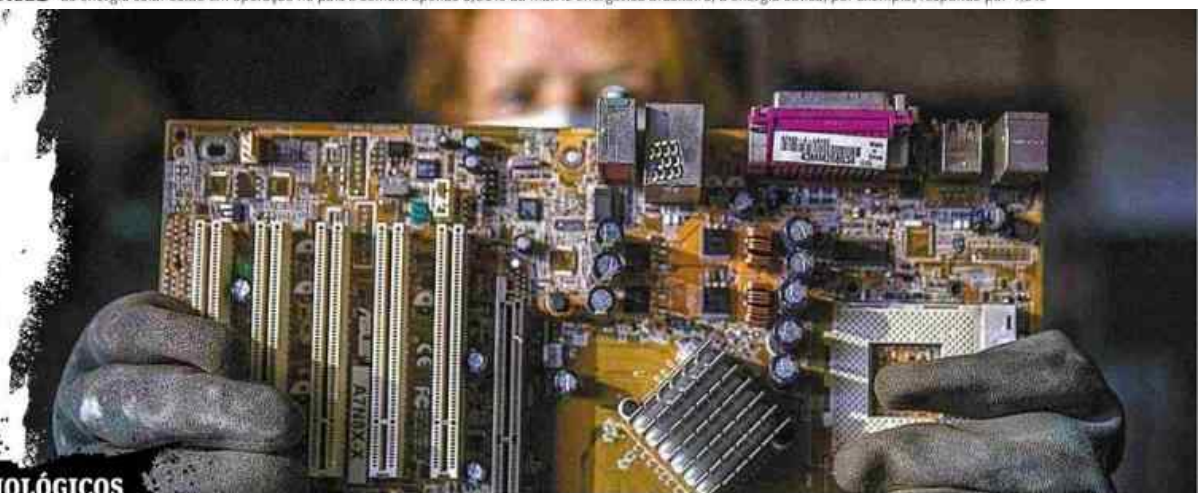


317 USINAS

de energia solar estão em operação no país e somam apenas 0,01% da matriz energética brasileira; a energia eólica, por exemplo, responde por 4,3%

» 'PLACA-MÃE'
Capaz de desmontar um computador em minutos, a catadora treinada em separação de sucata eletrônica mostra uma parte do 'lixo'

FÓSSEIS TECNOLÓGICOS



CAÇA AO tesouro

Cooperativa faz garimpo no lixo eletrônico, que além de substâncias tóxicas oculta ouro, prata e paládio

LAURA CAPRIGLIONE
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O Brasil produz anualmente entre mil e 2.000 toneladas de lixo eletrônico. Sucata formada pelo descarte de CPUs, monitores, teclados, celulares, televisores, laptops, o chamado e-lixo cresce exponencialmente, já que a indústria substitui em ritmo frenético os modelos vigentes por outros, mais avançados.

Trata-se de problema ambiental grave, já que esse lixo contém quantidades não desprezíveis de substâncias tóxicas, como chumbo, mercúrio, cádmio, arsênico, cobalto e tantas outras, que podem provocar males neurológicos, perda do olfato, audição e visão, até o enfraquecimento ósseo. Jogar esse tipo de lixo nos aterros é contaminação certa dos lençóis freáticos e, por essa via, dos seres humanos e animais.

Presidente da Coopernova, cooperativa que reúne 32 catadores de material reciclável em Cotia (Grande São Paulo), a baiana Marli Monteiro Andrade dos Santos, 52, é uma pioneira na solução do problema. O que começou como uma simples cooperativa de reciclagem de latinhas de alumínio agora inclui atividade que atende pelo nome pomposo de "logística reversa".

Trata-se da coleta e posterior desmontagem dos componentes eletrônicos, de modo a revendê-los separadamente. Assim o e-lixo, que agregado atinge o preço médio de R\$ 0,25 o quilo, desmontado em suas partes constitutivas atinge valores

30 vezes maiores.

Isso acontece porque, além das substâncias tóxicas e dos metais pesados (um tubo de TV, daqueles antigos, pode conter até 4 kg de chumbo), o lixo eletrônico constitui-se em rica fonte de metais nobres, como ouro, prata e paládio. Placas de circuito impresso, como as encontradas nos processadores e nas memórias, têm contatos de ouro —que pode ser recuperado. Trata-se de verdadeira atividade de mineração no lixo.

Depois de separadas, as plaquinhas são enviadas à Bélgica, onde a empresa Umicore detém a tecnologia de extração dos metais nobres da resina que os envolve.

Renilda Maria Diniz, parai-bana, uma das cooperativistas da Coopernova, é tão hábil na desmontagem de uma CPU (ela faz isso em três minutos!) que recebeu o apelido de "Placa-Mãe".

O treinamento e acompanhamento do trabalho dos recicladores é feito pelo Laboratório de Sustentabilidade da Escola Politécnica da USP,

o Lassu, que tem a coordenação da engenheira e professora Tereza Cristina Carvalho.

A universidade percebeu o potencial da sucata eletrônica em 2008, quando realizou uma coleta de e-lixo entre seus 17 mil funcionários —recolheram-se, de uma só vez, cinco toneladas de resíduos.

"Logo vimos que o descarte podia ser muito valioso. E não só pela desmontagem. Um homem, por exemplo, jogou seu computador no lixo achando que estava quebrado. Quando fomos ver, era apenas um vírus."

A universidade tem um setor de remanufatura, que remonta computadores com peças úteis tiradas da sucata. As máquinas são doadas a projetos sociais, tribos indígenas, entidades beneficentes.

Depois de ensinar catadores de latinhas a desmontar computadores, agora a USP se prepara para introduzi-los na arte da remanufatura.

Segundo a professora Tereza, em que pese o fato de serem pessoas com baixa escolaridade, "é impressionante a velocidade com que apreendem as técnicas, mesmo as mais desafiadoras".

A presidente da Coopernova, Marli Andrade, considera que a lida com os computadores aumentou a autoestima dos catadores, além de aumentar também os rendimentos deles (15% de incremento).

"A tecnologia está ocupando todos os territórios da vida, mas vem junto com muitos problemas ambientais. É uma alegria que a gente possa ajudar a resolver isso", diz.



Galpão em Cotia (Grande SP) onde o e-lixo e outros recicláveis são separados

Consórcio cria telhado contra inferno da metrópole

Em teste, revestimento que reflete luz do sol reduz temperatura de casas em seis graus

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Quem mora em grandes cidades sofre com o efeito das ilhas de calor no verão. O excesso de construções, a falta de vegetação e o número de veículos em circulação podem elevar a temperatura nas cidades em até 10 °C.

Mas uma das soluções para o problema pode estar bem acima de nós: os chamados tetos frios (cool roof) —uma aplicação de revestimentos especiais que refletem boa parte da luz solar e absorvem o calor sem transmiti-lo para o ambiente interno.

A tecnologia é bastan-

te difundida em Estados americanos quentes, como Califórnia e Flórida. Junto com outras soluções na área de construção sustentável, tem sido apontada como uma aliada contra o aquecimento global.

No Brasil, acaba de ser criado um consórcio que reúne instituições como a USP (Universidade de São Paulo) e a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), empresas e entidades da construção para criar essa tecnologia a baixo custo por aqui.

"O plano é que nos próximos três anos tenhamos esses revestimentos em casas populares como as do progra-

ma federal Minha Casa, Minha Vida", afirma Vanderley John, professor da Escola Politécnica da USP.

Um teste já foi feito em casas das comunidades cariocas Babilônia e Chapéu Mangueira, pelo projeto Rio Cidade Sustentável, que é coordenado pela prefeitura em parceria com empresas.

"A aplicação de um revestimento especial nas lajes reduziu a temperatura interna das casas em 6°C", diz Vanessa Grossi, gerente de marketing da química Dow, que vende o revestimento no mercado brasileiro. O Museu do Amanhã, em obras no Rio,

também terá o revestimento.

TELHADOS BRANCOS

O uso de telhados brancos contra as mudanças climáticas já foi alvo de campanha.

Lançada no Brasil em 2009 pelo GBC (Green Building Council), que promove tecnologias verdes, a ação One Degree Less (Um Grau a Menos) levou milhares a pintar o telhado e vereadores a formular projetos de lei pelo país.

"Faltou dizer que só pintar os telhados não baixava o calor. Deve-se usar o revestimento certo, que hoje já existe no mercado", diz Felipe Faria, diretor do GBC. (AV)



'Anjo' ensina mulher a pedalar pelas ruas de São Paulo



13,36% é o crescimento do lixo eletroeletrônico gerado pelo país neste ano em relação a 2014, segundo projeção do governo; o total deve atingir 1.200 toneladas de resíduos



» **ECONOMIA CIRCULAR**
Mulher separa papel na cooperativa Viva Bem, na zona oeste de São Paulo. O local é um dos 61 pontos que recebem os resíduos descartados nas estações de coleta de lixo do Grupo Pão de Açúcar. As cooperativas parceiras integram o projeto "Novo de novo", que transforma parte dos materiais em novas embalagens a serem utilizadas pelas empresas da rede. Desde 2001, foram recicladas 100 mil toneladas de lixo. Com a experiência na reutilização de papel, a meta é reaproveitar componentes plásticos a partir do próximo ano.

Desprezadas, bitucas viram papel, adubo e combustível

34 milhões de pontas de cigarro são descartadas na Grande São Paulo todos os dias; poucas são recolhidas e raras acabam com empresas e ONGs que dão novos usos a esses resíduos

JULIO LAMAS
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

"É um lixo incômodo, deixa cheiro ruim, a gente quer se ver logo longe dele", diz a estudante Gabriela Paes, 20, segundos após apagar uma bituca, na avenida Paulista. Dos seis cigarros que Gabriela fuma por dia, ao menos metade, segundo sua própria estimativa, acaba nas vias por onde passa. Como ela, outros passantes dão o mesmo destino à ponta, contribuindo para a soma das 34 milhões de bitucas jogadas por dia na Grande São Paulo.

Uma parte muito pequena é reaproveitada, segundo a Rede Papel Bituca. A ONG recicla esse lixo disperso em São Paulo, transformando-o em papel, com o apoio da Universidade de Brasília. Em três anos, reciclou seis milhões de pontas.

"Levamos os coletores e buscamos as bitucas. Elas são trituradas e passam por um liquidificador industrial para virar papel", explica o engenheiro Rafael Siqueira, um dos criadores do programa.

"Poucos estabelecimentos destinam bitucas para reciclagem. Por isso, fazemos campanhas de educação." Uma pesquisa de 2011 da publicação científica norte-americana "Tobacco Control" estima que as bitucas representam de 22% a 36% do lixo visível nas metrópoles.

Como Siqueira, outros empreendedores enxergaram ali uma oportunidade. Um deles, o projeto Coletor Ambiental, transforma o acetato de celulose das pontas em adubo para grama. Para financiar a coleta, a empresa que desenvolve a iniciativa vende publicidade nos coletores.

Já a empresa Bituca Verde achou um cliente na indústria de cimento. "As bitucas podem substituir a queima de carvão vegetal em fornos industriais", diz o gerente Jorge Henrique Barbosa.

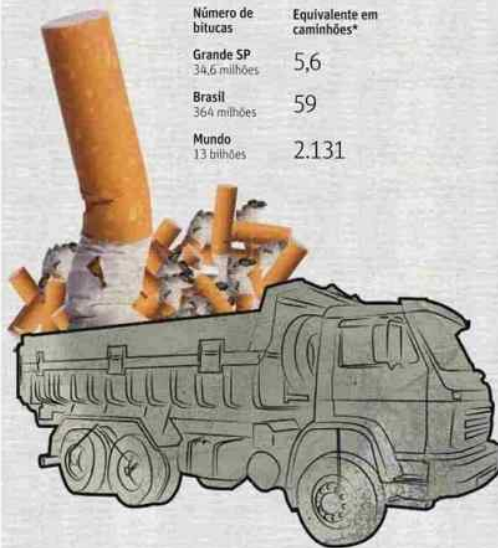
Segundo ele, a substituição do carvão pelas bitucas chega a 25% entre alguns dos seus clientes, e o mercado poderia ser até três vezes maior, caso a indústria tabagista fechasse um acordo setorial, previsto na Política Nacional de Resíduos Sólidos, de 2010.

"A lei prevê responsabilidade compartilhada do resíduo pós-consumo, de quem produz e de quem consome. Os fabricantes poderiam ser os maiores financiadores da reciclagem, mas o prazo para um acordo venceu em agosto, e não parece haver interesse em tocar na questão por enquanto", diz ele.

A Abifumo (Associação Brasileira da Indústria do Fumo) afirmou por meio de nota que o setor "está analisando o assunto".

É PEQUENA, MAS ENCHE

Volume ocupado por pontas de cigarro geradas em um dia



2 bitucas
na água equivalem à poluição de um litro de esgoto doméstico

65%
dos cigarros fumados são jogados no chão por fumantes norte-americanos

De 5 a 7 anos
é o tempo médio de biodegradação dos filtros de acetato de celulose

*Caminhão com volume de 15 m³. Fonte: Abifumo, Rede Papel Bituca, Tobacco Control, OMS, Knip America Beautiful, San Diego University e Faculdade de Saúde Pública da USP.



ASAS sobre RODAS

Grupo de 'anjos' dá aulas gratuitas de bicicleta para quem não sabe ou tem medo e quer circular na cidade com o transporte da vez

DE SÃO PAULO

O tempo frio e chuvoso em São Paulo não espantou as cerca de 20 pessoas que se reuniram na praça dos Arcos, na avenida Paulista, no último domingo (31), na expectativa de aprender a andar de bicicleta pela primeira vez.

Composto quase exclusivamente por mulheres, de jovens adultas a idosos, o grupo participa do Programa Escola Bike Anjo, que desde março oferece aulas gratuitas para ciclistas iniciantes.

"Minha filha mora em Amsterdã e, quando fui visitá-la, fiquei constrangida, porque todo mundo fazia tudo de bicicleta, enquanto eu tinha que ir a pé", conta a servidora pública Maria Josefa Peres, 54, que na aula foi a primeira a pedalar. "Volto em

julho para uma surpresa."

Já a aposentada Patrícia Blancato, 62, foi resolver um "trauma de infância". "Meus pais nunca se preocuparam em ensinar, e o tempo foi passando. Então procurei na internet e achei esse curso."

A "escola" que encontrou é a mais recente iniciativa do Bike Anjo, um projeto criado em 2010 para estimular o uso da bicicleta como transporte.

Para o fundador João Paulo Amaral, 28, as cidades brasileiras oferecem dificuldades aos ciclistas, mas o medo de pedalar é que atrapalha.

"São Paulo é uma das cidades mais seguras em que eu já pedalei. O motorista aqui respeita o ciclista mais do que em outros lugares", diz JP, cujo nome é conhecido. "A falta de estrutura cicloviária adequada obrigou ciclistas e moto-

ristas a aprenderem a compartilhar o espaço das ruas."

Para incentivar novos ciclistas, ele fez uma rede social (bikeanjo.com.br), que é o coração de seu projeto. Nela, iniciantes pedalam com ciclistas experientes e recebem dicas de como locomover-se com segurança.

Desde que foi criado, o site atendeu a mais de 7.000 pedidos por aulas e hoje reúne cerca de 1.600 voluntários em 250 cidades no Brasil, além de ter inspirado projetos em outros cinco países.

Em 2013, a ação foi transformada em ONG e conta com patrocínio do Itaú. Seu orçamento anual é de R\$ 400 mil.

Dividido em seis módulos, o curso ensina até mecânica para bikes. Para participar, é preciso escolher a aula, se cadastrar e esperar um sorteio.

5,5 TRILHÕES de bitucas de cigarro são descartadas todos os anos no planeta; todo esse lixo soma 938 mil toneladas, segundo a publicação científica "Tobacco Control"

Lojista pequeno ainda não tem sacola reciclável

Mesmo depois de dois meses da implantação da nova lei das sacolinhas, comerciantes ainda resistem ao uso dos modelos verde e cinza P4 e P5

Pequeno comércio ainda ignora nova lei das sacolinhas

Dois meses após a nova legislação municipal entrar em vigor, sacolas brancas ainda são entregues aos consumidores enquanto Prefeitura finge que fiscaliza

Filipe Sansone

filipe.sansone@diariosp.com.br

Um lado finge que a lei existe e há fiscalização rígida para enquadrar quem a desrespeita. O outro finge que acredita, mas sabe que tudo não passa de ameaças e discursos e ignora a regra por completo.

Assim, dois meses – completos ontem – após a chamada lei das sacolinhas plásticas entrar em vigor, o que fica claro é que praticamente só as grandes redes de supermercados e de varejo estão entregando aos consumidores os novos pacotes nas cores cinza e verde, consideradas ecologicamente corretas pela administração.

Os pequenos comércios do bairro dão de ombros para as novas regras. A maioria absoluta de lojas visitada pelo DIÁRIO ao longo da semana a ainda só oferece a famosa sacola branca, hoje considerada ilegal para a gestão Fernando Haddad (PT).

Como não há fiscalização ou qualquer campanha de conscientização, é ainda menor o número de pessoas que usam as sacolas feitas de bioplástico verde para descartar resíduos recicláveis e cinzas para o lixo comum, que não pode ser reaproveitado.

Os comerciantes reclamam do alto valor das novas sacolas para justificar o desrespeito. Outros afirmam a ainda ter muitas sacolas brancas e não há como jogá-las fora. Alguns dizem não poder arcar com o preço mais alto desses objetos e, ao contrário dos supermercados, se cobratem dos clientes vão só aumentar os.

Para Tânia Maura, de 59 anos, dona de uma loja de artigos para festas e materiais de plástico localizada na Rua Albion, na Lapa, Zona Oeste, as novas sacolinhas são muito caras para quem tem um comércio de pe-

SÓ DEPOIS
Cláudio Rodrigues é dono de uma lanchonete na Rua Barão de Junfai e vai esperar as sacolas brancas acabarem para só depois pensar em comprar as novas

queno porte. "Ainda estamos em um período de adaptação, não dá para usar essas sacolas verdes novas porque eu vendo produtos pesados", justifica.

"Além disso, os supermercados estão vendendo essas sacolinhas a R\$ 0,08 e a gente teria de vendê-las mais cara. A gente não pode se dar ao luxo de cobrar porque senão assustamos os clientes", afirma Tânia.

Em uma loja que vende artigos variados a partir de R\$ 1,99, a gerente Rose Landim, 47, diz que o dono optou por voltar a usar sacos de papel depois que a lei das sacolinhas entrou em vigor. "Não cobramos por eles. Parece que voltamos à moda antiga", explica. Mas sabe ela que os sacos de papel e papelão também estão proibidos pela lei e pode render multa de até R\$ 2 milhões.

Na loja de cosméticos localizada na Rua Barão de Junfai ainda são distribuídas sacolas brancas, mas a dona garante já ter as novas exigidas por lei. "É porque ainda tenho dez sacos com mil unidades das sacolas antigas. A gente está se desfazendo delas para não jogar fora, mas assim que elas acabarem vamos passar a utilizar as verdes e cinzas", afirma a proprietária Renata Akara, 33.

O dono de uma lanchonete na mesma rua, Cláudio Rodrigues, 30, também ignora a nova lei. "Quando acabar a gente passa a usar as novas, que são o dobro do preço", ironiza.



Tânia Maura alega não ter as novas sacolinhas porque elas custam muito caro e não são competitivas



A caixa Stephanie Arruda Ferraz explica que desde que a nova lei entrou em vigor, as sacolas só são as verdes

Coleta seletiva divide opinião de moradores

Enquanto alguns dizem que não vale a pena separar o lixo reciclável do comum, pois tudo se mistura no fim, outros preferem preservar meio ambiente

Quando foi sancionada pelo prefeito Fernando Haddad (PT), a lei das sacolinhas tinha como objetivo também, além de acabar com as sacolas feitas de petróleo, que demoram a se desintegrar, ampliar a coleta seletiva de lixo na cidade. Com acesso fácil e gratuito aos pacotes verdes e cinzas, acreditava-se que os cidadãos iriam se conscientizar da importância de separar o lixo comum do reciclável.

Sessenta dias depois da entrada em vigor das novas regras, os supermercados cobram até R\$ 0,10 pelas novas sacolas – somente duas são de graça a cada compra – e os pequenos comerciantes ainda ignoram as mudanças. Na outra ponta da tabela, os paulistanos, em sua maioria, também não mostram muito esforço para atender a exigência de Haddad.

A principal reclamação é que o caminhão da coleta seletiva sequer passa na rua do entrevistado. É o caso do aposentado Mário Reis, de 74 anos, morador da Rua Albion, na Lapa. “De que adianta separar o lixo se depois o lixeiro comum vai pegar e misturar tudo? Não adianta de nada”, reclama o aposentado.

O psicólogo Gilberto Picosque, de 56 anos, que vive na Rua Guararapes, repete os mesmos argumentos. “O rapaz da coleta seletiva vem pela

manhã e até pega tudo que está na rua, mas no fim o lixo se mistura e não adianta nada esse trabalho todo”, acredita.

A aposentada Romilda Feliz, de 69 anos, que vive na Rua Guaricanga, diz fazer a sua parte, não se importa com o que é feito com o lixo depois que ela coloca os sacos na rua.

“Não custa muito separar e a gente contribui ainda com o meio ambiente”, explica a idosa. “Começa mos a fazer essa separação há mais ou menos dois meses mesmo,

quando os supermercados mudaram as cores de suas sacolinhas. Fica mais fácil contribuir com a coleta seletiva quando há esse tipo de orientação para a gente.”

A também aposentada Ana Maria Nogueira Miranda, 76, vizinha de Romilda, diz que só separa o material reciclável do restante pela boa vontade da filha, a culinária Fabiana Nogueira, 52. “Confesso que só a Fabiana faz a organização porque eu não tenho ânimo”, confessa a senhora.



A aposentada Romilda Feliz prefere fazer a separação do lixo reciclável

Prefeitura omite dados da fiscalização

■ A Prefeitura, responsável por receber denúncias sobre a má utilização das sacolas plásticas tanto por parte dos lojistas quanto dos consumidores, e realizar as devidas autuações nos casos de desrespeito à lei se limitou a informar, por meio de nota, que “não existe a intenção de criar uma ‘indústria de multas’ ou um clima de perseguição ou constrangimento aos cidadãos, comerciantes ou consumidores”.

“A administração municipal deseja promover um clima de mudança de comportamento com relação ao lixo/resíduo ao oferecer a opção da sacola verde ou cinza para facilitar as compras e estimular a reciclagem. Neste momento, todos devem se adaptar e, eventualmente, podem receber orienta-

ção ou advertência”, diz.

Essa foi exatamente a mesma resposta, com as mesmas palavras, dada pela gestão municipal ao DIÁRIO há dois meses, quando a lei entrou em vigor.

O governo municipal também foi questionado sobre quantas multas haviam sido aplicadas até o presente momento e a resposta, dada por telefone, é que ainda não há a intenção de multar nem cidadãos nem comerciantes. A Prefeitura também não informou sequer se foram realizadas denúncias sobre o tema no 156.

Prefeitura repete a mesma resposta dada há dois meses ao DIÁRIO

As sacolinhas verdes devem ser usadas como lixo apenas se o material depositado no interior delas puder ser reciclado. Latas, ferragens, jornais, revistas, garrafas de vidro e de plástico são alguns exemplos. Já a sacolinha cinza deverá ser usada para os resíduos orgânicos e detritos, tais como fraldas, bitucas de cigarro, chicletes, absorventes, lixo de banheiro e fitas adesivas.

O comerciante que desrespeitar a lei poderá receber multa de R\$ 500 a R\$ 2 milhões, segundo a gravidade e o impacto do dano provocado ao meio ambiente. Já o cidadão que não cumprir as regras poderá ser advertido e, no caso de reincidência, punido entre R\$ 50 e R\$ 500. Ainda não está claro, mesmo com a legislação em vigor, como será aplicada a multa.

120 HOJE

Praças com wi-fi devem dobrar

O secretário de Turismo de São Paulo, Wilson Poit, disse que o número de praças com wi-fi gratuito deve dobrar nos próximos meses. Hoje, há 120. (FSP)

Televisão e Rádios

**Clique nos links em azul para ouvir/assistir a notícia*

Cemitério da Consolação: Parte do muro começa a ser construída 6 anos após desabar

Emissora: BandNews

Programa: Band News

Tipo de Clipping: Tv

Data/Hora Fonte: 08/06/2015

Fortes chuvas, muro, Cemitério da Consolação, reconstrução, Prefeitura, coveiros, obras, demora
<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=41946018&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=V&Commodities=1>

Começam as obras de reconstrução do muro do cemitério Consolação

Emissora: BandNews

Programa: FAIXA 09H00 AS 18H00

Tipo de Clipping: Tv

Data/Hora Fonte: 08/06/2015

Cemitério da Consolação, Prefeitura, reforma, coveiros, chuva forte, cemitério, obra
<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=41954101&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=V&Commodities=1>

Giro de Repórteres: Mais uma vez as luzes do Túnel Mergulhão estão apagadas

Emissora: RÁDIO SULAMÉRICA TRÂNSITO

Programa: Giro de Repórteres

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 8/6/2015

Túnel Mergulhão, falta de iluminação, Prefeitura, Ilume, escuridão, sem iluminação
http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41944640&ID_BOOK=479190&ORDEM=49&QTDE_CLIPPINGS=91&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

O Xerife de São Paulo (cita iluminação)

Emissora: RÁDIO GLOBO AM

Programa: A HORA É AGORA

Tipo de Clipping: Rádio

Data/Hora Fonte: 08/06/2015

Cangaíba, Viela Goitá, Iluminação, Viela, Ilume, junho, obra, pontos, instalados
<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=41948137&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A&Commodities=1>

O Xerife de São Paulo (cita iluminação)

Emissora: RÁDIO GLOBO AM

Programa: A HORA É AGORA

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 8/6/2015

Iluminação, Ilume, Cangaíba, Viela, sem iluminação, reclamação
http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41944990&ID_BOOK=479190&ORDEM=79&QTDE_CLIPPINGS=91&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Cemitério da Consolação deve ter muro reerguido em até dois meses

Emissora: Rádio Bandeirantes AM – SP

Programa: Primeira Hora

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 6/6/2015

Muro, Cemitério da Consolação, calçada, chuva, mutirão

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41910575&ID_BO OK=479023&ORDEM=10&QTDE_CLIPPINGS=52&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Muro do cemitério da Consolação só deve ser reconstruído a partir do fim de julho

Emissora: BAND NEWS FM 96,9

Programa: OUTROS

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 6/6/2015

Muro, Cemitério da Consolação, tapumes, diretor, cemitério, materiais, mutirão, chuva

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41914490&ID_BO OK=479081&ORDEM=56&QTDE_CLIPPINGS=57&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Campanha Junho Vermelho incentiva doação de sangue em SP

Emissora: TV GLOBO

Programa: JORNAL NACIONAL

Tipo de Clipping: TV

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Transfusão de sangue, doações, cor, luz, vermelha, conscientização, iluminação, monumentos, Ilume

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41903553&ID_BO OK=479023&ORDEM=32&QTDE_CLIPPINGS=52&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Medidas para evitar o desperdício de frutas e verduras (cita sacolinha)

Emissora: TV GLOBO

Programa: SPTV 2º Edição

Tipo de Clipping: TV

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Feira, desperdício, frutas, verduras, adubo, padaria, meio ambiente, sacola verde, material reciclável,

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41902158&ID_BO OK=478975&ORDEM=1&QTDE_CLIPPINGS=57&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Mercadão local dos turistas neste feriado; Prefeitura barra equipe de reportagem (Ecoponto)

Emissora: TV GLOBO

Programa: SPTV 1º EDIÇÃO

Tipo de Clipping: TV

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Conservação, vergonha, lixo, Avenida Rio Branco, calçada, Subprefeitura da Sé, Cata Bagulho, Eco Ponto, Mercadão, sujeira

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41892268&ID_BO OK=478928&ORDEM=37&QTDE_CLIPPINGS=119&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Obras do muro do cemitério da consolação

Emissora: Rádio Bandeirantes AM – SP

Programa: --

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Obras, muro, Cemitério da Consolação, estrutura, derrubada, Prefeitura, mutirão, chuva

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41900076&ID_BOOK=478975&ORDEM=15&QTDE_CLIPPINGS=57&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Obra de reconstrução do muro do cemitério da Consolação

Emissora: BAND NEWS FM 96,9

Programa: OUTROS

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Rua Mato Grosso, Cemitério da Consolação, muro, obra, reconstrução, coveiros, diretor, mutirão, Prefeitura, chuva

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41890875&ID_BOOK=478928&ORDEM=58&QTDE_CLIPPINGS=119&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Principais destaques: Parte do muro do cemitério da consolação que cedeu deve ser arrumado e entregue em 2 meses

Emissora: BAND NEWS FM 96,9

Programa: OUTROS

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Muro, cemitério, refeitas, tapumes, Cemitério da Consolação, chuva, reconstrução

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41889455&ID_BOOK=478928&ORDEM=66&QTDE_CLIPPINGS=119&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Repórter fala do Cemitério da Consolação que está há cinco meses com muro caído

Emissora: Rádio Bandeirantes AM – SP

Programa: JORNAL GENTE

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Cemitério da Consolação, muro, chuva, Prefeitura coveiros, mutirão, Secretaria de Serviços

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41885232&ID_BOOK=478928&ORDEM=109&QTDE_CLIPPINGS=119&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Queda do muro do cemitério da Consolação

Emissora: BAND NEWS FM 96,9

Programa: OUTROS

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Prefeitura São Paulo, diretor, pedreiro, reforma, Cemitério da Consolação, Secretaria de Serviços, dinheiro, obras, muro

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41885583&ID_BOOK=478928&ORDEM=105&QTDE_CLIPPINGS=119&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Entrevista com a secretária do Meio Ambiente, Patrícia Iglecias (cita sacolinha 10'30'')

Emissora: RÁDIO ESTADÃO 92,9 FM

Programa: DIRETO DA REDAÇÃO

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Sacolinha, lei das sacolinhas, iniciativa, Prefeitura, lixo, reciclável, sustentabilidade, coleta seletiva

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41897130&ID_BOOK=478975&ORDEM=39&QTDE_CLIPPINGS=57&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Ouvinte comenta que a iluminação pública está apagada na Alcântara Machado

Emissora: Rádio CBN AM – SP

Programa: JORNAL DA CBN 1ª EDIÇÃO

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 5/6/2015

Luzes apagadas, falta de iluminação, Alcântara Machado, iluminação pública

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41880207&ID_BOOK=478827&ORDEM=63&QTDE_CLIPPINGS=73&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Lixo: Projeto de compostagem tem 97% de aprovação dos participantes

Veículo: FOLHA.COM

Tipo de Clipping: Web

Data Fonte: 5/6/2015

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41875442&ID_BOOK=478827&ORDEM=14&QTDE_CLIPPINGS=73&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=7668&ID_TEMPLATE=730

Indústria de iluminação reclama de edital de PPP

Veículo: FOLHA.COM

Tipo de Clipping: Web

Data Fonte: 5/6/2015

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41878596&ID_BOOK=478827&ORDEM=13&QTDE_CLIPPINGS=73&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=7668&ID_TEMPLATE=730

Com cooperativas, supermercado transforma lixo em novas embalagens

Veículo: FOLHA.COM

Tipo de Clipping: Web

Data Fonte: 5/6/2015

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41875473&ID_BOOK=478827&ORDEM=23&QTDE_CLIPPINGS=73&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=7668&ID_TEMPLATE=730

Mensagem dos Ouvintes (cita sacolinha)

Emissora: RÁDIO ESTADÃO 92,9 FM

Programa: DIRETO DA REDAÇÃO

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 4/6/2015

Sacolinhas plásticas, supermercados, Associação Paulista de Supermercados, apas, lei das sacolinhas

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41867971&ID_BOOK=478749&ORDEM=56&QTDE_CLIPPINGS=66&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Entrevista com o Secretário de Turismo, Wilson Poit - Parte 5 (cita iluminação 52” aos 1’21”)

Emissora: TV FOLHA

Programa: OUTROS

Tipo de Clipping: TV

Data - Hora Fonte: 3/6/2015

Secretário de turismo, iluminação, PPP, lâmpadas de LED, troca de lâmpada, conservação

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41892225&ID_BOOK=478928&ORDEM=119&QTDE_CLIPPINGS=119&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Pintou Limpeza

Emissora: RÁDIO ESTADÃO 92,9 FM

Programa: ESTADÃO NO AR 3ª EDIÇÃO

Tipo de Clipping: Rádio

Data - Hora Fonte: 3/6/2015

Lixo, ruas, pesquisa, educação ambiental, bem estar, cidades, limpeza, sujeira

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41842776&ID_BOOK=478675&ORDEM=43&QTDE_CLIPPINGS=125&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=5&ID_TEMPLATE=730

Web

Pequeno comércio ainda ignora lei das sacolinhas

Veículo: DIÁRIO DE S.PAULO

Tipo de Clipping: Web

Data Fonte: 5/6/2015

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41904195&ID_BO OK=479023&ORDEM=47&QTDE_CLIPPINGS=52&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=7668&ID_TEMPLATE=730

Praças com wi-fi gratuito dobrarão em São Paulo, diz secretário de Turismo

Veículo: FOLHA.COM

Tipo de Clipping: Web

Data Fonte: 3/6/2015

http://books.boxnet.com.br/books/visualizacao_clipping_new.aspx?ID_CLIPPING=41844691&ID_BO OK=478675&ORDEM=113&QTDE_CLIPPINGS=125&NM_ARQUIVO=0&ID_DISPARO=&ID_USUARIO=&ID_MESA=7668&ID_TEMPLATE=730